

# AS FORMAÇÕES X-NEJO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL

Ana Cristina ROSITO de Oliveira  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**RESUMO:** Este artigo objetiva apontar o lugar do *splinter -nejo* no *continuum* derivação-composição. Para isso, foram utilizadas a base teórica fornecida pela *Morfologia Construcional* de Booij (2005,2010) que está inserida na *Linguística Cognitiva* (LAKOFF,1987;LANGACKER,1987) e aplicados os critérios empíricos apontados por Gonçalves & Andrade (2012,2016) para diferenciar afixos de radicais.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Morfologia Construcional, splinter, continuum.*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, são aplicados os critérios empíricos apontados por Gonçalves & Andrade (2012,2016) para diferenciar afixos de radicais. Para isso, analisamos *corpus* constituído de dados coletados na internet (redes sociais, blogs e sites dedicados à música sertaneja, dicionários eletrônicos e através das ferramentas de pesquisa Google e Yahoo).

Através da análise do *corpus*, constatou-se que o grupo de formações X-nejo com maior produtividade refere-se à mistura de ritmos e que a palavra-gatilho é a palavra ‘sertanejo’. A partir da coleta desses dados, constatamos que essas formações multiplicaram-se a partir do surgimento e propagação do gênero musical Sertanejo Universitário no Brasil, a exemplo de ‘pagonejo’, ‘funknejo’ (mistura de ritmos); ‘blognejo’, ‘twitternejo’ (espaço em redes sociais para troca de informações sobre música sertaneja e eventos a ela relacionados); ‘gatonejo’ (rapaz bonito que frequenta locais de música sertaneja), ‘feminejo’ (empoderamento feminino na música sertaneja), entre outras formações.

Na primeira seção, são apresentadas, sucintamente, a origem das formações X-nejo e a produtividade do sufixo *-ejo*. Na segunda seção, tratamos do *continuum* de tipos morfológicos e da aplicação dos critérios empíricos de Gonçalves & Andrade (2012,2016) para diferenciar afixos de radicais. Além disso, apresentamos a localização do *splinter -nejo* no *continuum* composição-derivação.

## 1. UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE A ORIGEM DAS FORMAÇÕES X-NEJO

### *A palavra sertão (sertão /sartão, século XV)*

Nos dicionários etimológicos consultados, verificamos uma concordância entre os autores em afirmar que a etimologia da palavra ‘sertão’ é obscura, como se pode perceber a partir dos depoimentos levantados. Conforme Nascentes (1955), a mesma origina-se a partir da aférese do vocábulo latino *desertanu*, de genealogia pouco conhecida. Para Cunha (2013), Houaiss (2015) e Ferreira (2014), o vocábulo indica região distante do litoral, terra e povoação do interior.

## As formações X-*nejo* do português do Brasil: uma análise construcional

### O vocábulo ‘sertanejo’

Michaelis (1998), Ferreira (2014), e Houaiss (2015) apontam para o mesmo significado de ‘sertanejo’ referindo-se àquele que habita o sertão. Conforme Cunha (2013), o vocábulo é derivado da palavra ‘sertão’ e os registros de sua aparição datam do século XVII. No aspecto fonológico, ao derivar-se da palavra ‘sertão’, o vocábulo ‘sertanejo’ passa por um processo de ressilabificação da nasal que sai da coda e passa a onset: *sertaN+ejo* = *sertanejo*.

### O sufixo -*ejo* na formação da palavra ‘sertanejo’

Tradicionalmente, há o posicionamento de que a palavra ‘sertanejo’ seja formada, adjungindo-se o sufixo -*ejo* ao radical ‘sertão’ (com forma teórica \**sertaN*, seguindo a linha interpretativa de Mattoso Câmara Jr, 1970). Dessa forma, objetivamos, nesta seção, tratar da origem, significação e produtividade desse sufixo.

Conforme Cunha & Cintra (1985), Lima (1994), Cunha (2013), Bechara (2015) e Houaiss (2015), -*ejo* forma diminutivos como ‘lugarejo’ e ‘animalejo’. Cunha (2013) levanta a hipótese de que -*ejo* seria, originalmente, um deverbal de -*ejar* como em ‘arquejo’ > ‘arquejar’, ‘bandeja’ > ‘bandejar’. Conforme o autor, para a difusão do sufixo, deve a sua analogia ter contribuído com as terminações de vocábulos como ‘igreja’ (<lat. *ecclēsia*). Lima (1994), em sua gramática, insere -*ejo* no grupo de sufixos de procedência ibérica.

Segundo pesquisa feita através da ferramenta Google, o sufixo está na formação de um grupo pequeno de diminutivos no qual também aparecem ‘cortejo’, ‘festejo’, ‘realejo’, ‘lugarejo’, ‘vilarejo’, ‘quintalejo’. Constatamos também, através de pesquisa feita a partir da mesma ferramenta, que o sufixo -*ejo* forma alguns gentílicos como ‘alcoutenejo’ (de Alcoutim), ‘colarejo’ (de Colares), todos relativos a regiões portuguesas. Assim, verificamos que a formação de gentílicos com esse sufixo é rara e que, além dos dois exemplos mencionados, há apenas a palavra ‘sertanejo’ como gentílico em que aparece o sufixo -*ejo*.

Percebemos, assim, que o sufixo -*ejo* não é produtivo como a sequência -*nejo*, cujas formações serão analisadas neste artigo.

## 2. O CONTINUUM DE TIPOS MORFOLÓGICOS

É sabido que o processo de composição dá-se a partir da combinação de radicais ou de palavras inteiras e que a derivação dá-se pelo uso de afixos; entretanto, há algumas formações que não deixam claro se os formativos que o constituem apresentam estatuto de radical ou afixo. Assim, suscita-nos a questionar, conforme Gonçalves & Andrade (2012,2016), se há limites claros entre as categorias morfológicas e, por conseguinte, entre os dois processos de formação de palavras: composição e derivação.

Dessa forma, os autores propõem que as unidades envolvidas na formação de palavras sejam organizadas em um *continuum* morfológico determinado por propriedades estruturais e semânticas. Eles se baseiam na proposta de *continuum* defendida por Baker (2001) e Ralli (2007).

Para que possamos prosseguir, faz-se necessário explicar o que constitui uma proposta de *continuum*. Para alguns autores, como Gonçalves (2011a), por exemplo, os processos de formação de palavras, como derivação e composição, interagem de muitas formas, mesmo elegendo unidades de análise distintas. Já outros autores, como Bauer

(2005), conforme citação abaixo, fazem com que se acredite que esses processos não têm fronteiras rígidas entre si, ocupando as extremidades de uma escala.

*O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; nesse sentido, tudo funciona bem. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatutos compatíveis com outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos/ advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo.* (BAUER, 2005, p.107)

Cabe notar que a citação também responde ao questionamento de por que se começou a analisar esses processos de forma gradual. Afinal, se os processos são definidos pelas unidades de análise e se, em uma língua, algumas dessas unidades começaram a se comportar de maneira diferente, gerando novas unidades, que, por sua vez, passaram a ter características composicionais e derivacionais, pode-se, dessa forma, conceber que há um processo de transição entre os elementos composicionais e derivacionais, processo esse que o que justifica um caminho entre esses mecanismos de criação lexical.

Gonçalves & Andrade (2012, 2016) afirmam, em seus artigos, que não é favorável para a descrição morfológica em português, sobretudo no PB, tratar as entidades que participam dos processos de formação de palavras como definidas e rígidas. Para os autores, é mais pertinente tratá-las como entidades de “propriedades graduais” cujos representantes das categorias estabelecidas não necessariamente possuem todas as propriedades definidoras da classe e, por isso mesmo, nem sempre se aproximam do protótipo.

Para definir protótipos e entidades não prototípicas, Gonçalves & Andrade (2016) definem uma série de características essenciais para que se reconheça um autêntico elemento da composição e um autêntico elemento da derivação. Essas características estão organizadas na tabela que será reproduzida na íntegra mais adiante neste capítulo.

Os critérios são divididos em propriedades que dizem respeito a) à estrutura, como questões posicionais; b) a propriedades fonológicas, como a realização ou não em palavras prosódicas independentes; c) a propriedade semânticas, como o fato de os significados dos formativos serem mais ou menos gerais e como isso afeta a combinabilidade desses elementos com outros itens morfológicos; e d) a propriedades de produtividade e produção, que podem ser analisadas a partir da quantidade de elementos presentes no corpus criado para um determinado formativo.

Após apresentar essas características, os autores mostram que esses atributos não são atendidos por alguns elementos, como os compostos neoclássicos, o que corrobora para uma análise escalar. No artigo de 2016, os autores ampliam o *continuum* por eles proposto em Gonçalves & Andrade (2012), pois, com o desenvolvimento de estudos morfológicos, outras partículas, incluindo xenocostituintes, como *cyber-* (‘cyber-avó’, ‘cyber-babá’), e o *splinters* como *piri-* (‘piriprima’, ‘pirigótica’) e *-guete* (vovoguetete’, ‘crenteguetete’), foram analisadas, o que fez com que fosse necessário um espaço na análise gradual. Dessa forma, Gonçalves & Andrade (2016) definem essas novas classes com mais detalhes e mostram qual seria o posicionamento mais apropriado para elas no *continuum*.

A primeira classe analisada é o que a literatura especializada denomina forma combinatória. Notamos que essa nomenclatura não é muito apropriada, tendo em vista que une elementos muito difusos entre si no que diz respeito ao comportamento morfossemântico. Assim, os autores propõem-se a analisar formações polêmicas que estão inseridas nesse grupo classificatório. A primeira delas é chamada de afixoide. Os autores

## As formações X-*nejo* do português do Brasil: uma análise construcional

explicam que, no português brasileiro, os afixoides são o resultado de recomposições. Por exemplo, homo- significa, na língua de origem, “igual”. Portanto, em palavras como ‘homossexual’, homo- atualiza esse significado. Entretanto, a partícula parece atualizar, em novas formações, o significado “homossexual” e não o significado “igual”, como, podemos perceber na palavra ‘homofobia’ (aversão a pessoas homossexuais).

Os outros elementos descritos em Gonçalves & Andrade (2016) são aqueles que resultam de substituição sublexical ou cruzamento vocabular, conhecidos como *splinters*. Os *splinters*, conforme os autores, são elementos que, nas palavras de origem, nada significam, mas passam a participar de novas formações, atualizando o significado total da palavra de que foram retirados. Gonçalves & Andrade (2016) ressaltam ainda que os *splinters* podem ou não ser nativos.

Para Gonçalves & Almeida (2012), os *splinters* não nativos são xenoconstituintes. Estes são pedaços de palavras que ganham significado a partir de uma espécie de encurtamento, assim como acontece com -trocinio, mas, pelo fato de ser difícil decifrar a origem dessas palavras, não conseguindo determinar se são empréstimos ou se realmente já fazem parte da língua, são categorizadas como elementos estrangeiros.

Um exemplo de xenoconstituinte é ‘cyber’. Essa partícula retoma a palavra ‘cybernetics’ (“ciência que estuda sistemas complexos”), em palavras como ‘cybercafé’ (um café, estabelecimento comercial, com acesso à internet). Como os falantes não sabem ao certo se esse formativo é ou não um empréstimo do inglês, variam a sua grafia, conforme Gonçalves & Almeida (2012) apresentam (‘cibercafé’ ~ ‘cybercafé’), ora atendendo à escrita típica do inglês, ora a do português.

Gonçalves & Andrade (2016, 2012) esclarecem que, apesar das semelhanças, afixoides e *splinters* têm uma grande diferença. Afixoides seriam, então, elementos que estão modificando seus significados etimológicos. Já os *splinters* são partículas que não tinham significado e passam, de alguma maneira, a ganhar significado, normalmente retomando a palavra de onde se originaram.

Todos os elementos descritos acima são denominados genericamente de formas combinatórias. Como se pode perceber, a natureza desses elementos é difusa e seu funcionamento, complexo e heterogêneo. Por isso mesmo, essa classificação é tida por muitos autores, como Kastovsky (2009) e Gonçalves & Andrade (2016), como inadequada. A fim de solucionar esse problema, Gonçalves & Andrade (2016), bem como Bauer (2005), propõem uma análise escalar para os processos de formação de palavras nas línguas. Mais especificamente em português, aqueles autores mostram que muitos processos marginalizados, como a recomposição, são muito utilizados no PB, mas pouco citados e analisados. Os autores mostram ainda que, mesmo casos mais comuns, como -mente e -zinho, são polêmicos, pois não são elementos que se comportam plenamente como sufixos, tal como versa a tradição. Ademais, a própria prefixação, processo de formação de palavras tradicionalmente entendido como derivacional, já foi muito polemizada, uma vez que é defendida como composição por autores como Mattoso Camara Jr. (1976).

Assim, as formas X-*nejo* foram analisadas à luz dos 17 critérios que estão presentes em Gonçalves & Andrade (2016) para que assim fossem definidos em quais pontos-*nejo* aproxima-se dos radicais e em quais aspectos aproxima-se dos afixos. Os critérios foram organizados e analisados da seguinte forma: primeiramente, observaram-se os aspectos dessa unidade que os aproximam dos radicais, mantendo suas propriedades originais; depois se observaram os pontos inovadores de *-nejo* que, portanto, os aproximam dos sufixos.

Contudo, é importante ressaltar que nem todos os critérios listados por Gonçalves & Andrade (2016) são aplicáveis a itens individuais. O critério H, por exemplo, presente na tabela a seguir, aborda a possibilidade de os radicais constituírem inventários abertos e os afixos constituírem inventários fechados. Por esse mesmo motivo, não iremos analisar o item G, uma vez que também aborda a questão do inventário, ou seja, a abordagem é sobre a classe radical e afixo de maneira geral, não fazendo alusão a formativos de maneira mais específica. Observa-se, então, que esses critérios dizem respeito à classe como um todo, não sendo, portanto, aplicáveis a um elemento, como os outros critérios da referida tabela.

### ***Aplicação dos critérios empíricos apontados por Gonçalves e Andrade (2016)***

Os *splinters* são formativos difíceis de categorizar por se comportarem, algumas vezes, como afixos e outras como radical. Isso dificulta que se estabeleça se as formações são criadas a partir de um processo de derivação ou de composição, pois é o estatuto morfológico dos formativos que determina o processo de formação. Sendo assim, pretendemos, nesta seção, demonstrar a posição mais adequada do formativo –nejo no *continuum* composição-derivação, utilizando os critérios propostos por Gonçalves & Andrade (2012,2016).

Para isso, tentamos simplificar a tabela original. Destacamos que a falta dos critérios He G justifica-se pelo fato de tratarem do inventário das unidades linguísticas como um todo.

Gonçalves & Andrade (2016) não consideram os tipos morfológicos como estruturas estáveis. Para eles, devem ser tratados como entidades de características graduáveis, o que se coaduna com nossa proposta de análise do *splinter* –nejo e de suas formações. Dessa maneira, os critérios apresentados a seguir aplicam-se a afixos e a radicais mais prototípicos.

### As formações X-*nejo* do português do Brasil: uma análise construcional

|                             | CRITÉRIOS   | COMPOSIÇÃO<br>Palavras ou radicais | DERIVAÇÃO<br>Afixos |
|-----------------------------|---|------------------------------------|---------------------|
| UNIDADES                    | A) Comportam-se como:                                 | X                                  |                     |
|                             | B) Componentes de palavras                            | X                                  |                     |
|                             | C) Restrição posicional                               |                                    | X                   |
|                             | D) Combinabilidade                                    | X                                  |                     |
| PROPRIEDADES<br>ESTRUTURAIS | E) Posição da cabeça lexical à esquerda               | X                                  |                     |
|                             | F) Coordenação  | X                                  |                     |
|                             | I) Possibilidade de Flexão entre os constituintes     | X                                  |                     |
|                             | J) Acento próprio                                     | X                                  |                     |
| PROPRIEDADES<br>FONOLÓGICAS | L) Isomorfismo entre palavra morfológica e fonológica | X                                  |                     |
|                             | M) Manutenção de propriedades segmentais              | X                                  |                     |
|                             | N) Densidade semântica                                | X                                  |                     |
| PROPRIEDADES<br>SEMÂNTICAS  | O) Interpretação holística                            |                                    | X                   |
|                             | P) Exocentrismo                                       |                                    | X                   |
|                             | Q) Estabilidade funcional                             |                                    | X                   |
| PRODUTIVIDADE<br>E PRODUÇÃO | R) Construção de conjuntos mais fechados de palavras  |                                    | X                   |
|                             | S) Formas manufaturadas                               |                                    | X                   |

No que concerne à análise das unidades, *-nejo* aproxima-se mais da composição, nos critérios a e b, pois funciona como forma livre que corresponde a uma palavra. Também, ao aplicarmos o quarto critério, percebemos que o formativo combina-se com grande variedade de tipos morfológicos. Em (01), a seguir, resume-se essa propriedade de *-nejo*:

- (01)                      Palavra: sambanejo  
                               Radical: aro-nejo  
                               Afixoide: eletronejo  
                               Estrangeirismo: snapnejo  
                               Sigla: TVnejo  
                               Splinter: pagonejo

Já no terceiro critério apontado pelos autores, o de restrição posicional, a qual postula que os afixos são regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo em uma posição pré-determinada, verificamos que *-nejo* adjunge-se, em todos os casos apresentados, à direita, aproximando-se, assim, da derivação.

Em relação às propriedades estruturais de *-nejo*, o critério (e) trata da posição da cabeça lexical. Vimos que em algumas formações, como ‘quartaneja’, temos a cabeça lexical à direita e em outras, como em ‘gatonejo’, temos a cabeça lexical à esquerda. Num terceiro grupo de palavras, o mais numeroso, diga-se de passagem, não há cabeça lexical, pois, como resultam da fusão de gêneros musicais, uma das bases não constitui adjunto da outra, pois são, ambas, igualmente importantes tanto formal quanto semanticamente. Como

mostram Gonçalves & Andrade (2016), esse comportamento é típico de compostos, pois derivados têm cabeça à direita.

O critério (f) demonstra que as formações com esse splinter podem ser coordenativas como em ‘funknejo’, resultado da combinação de três bases. Nos demais gêneros, tem-se, igualmente, relação de coordenação entre as bases.

O *splinter* flexiona-se em gênero (‘sextaneja’) e em número (‘nejos’) e leva à flexão entre os constituintes da palavra complexa (‘gatonejo’/ ‘gataneja’), aproximando-se, novamente, da composição (critério (i)).

Cabe-nos destacar também que a forma livre ‘nejo’ varia em grau (‘nejão’), o que evidencia a sua independência. Observemos os exemplos a seguir retirados do Twitter:

- (02) Parece que alguém está se rendendo ao **nejão**.  
Vamos voltar a beber cerveja e ouvir um **nejão**[...]

Sandmann (1988) afirma que muitas palavras no aumentativo estão relacionadas à atitude emocional do emissor. Assim, neste caso, o sufixo aumentativo em ‘nejão’ demonstraria afeto, apreço, simpatia da mesma forma que em palavras como ‘Vascão’ e ‘jogão’.

Ao aplicarmos o critério (j), referente a ter ou não acento próprio, podemos afirmar que *-nejo* possui acento próprio, constituindo, dessa maneira, palavra prosódica autônoma. Constatamos que as novas palavras formadas serão sempre realizadas como paroxítonas, em função de *-nejo*, mas as bases à esquerda não perdem suas propriedades fonológicas, como é o caso de ‘breganejo’, que preserva a abertura da vogal média, não se submetendo à regra de neutralização das pretônicas. O mesmo acontece com ‘feminejo’, que preserva a nasalidade fonética da forma de base.

- (03) breganejo feminejo  
[ɛ] [ẽ]

O critério L faz referência à relação entre categorias morfológicas e prosódicas, pois pressupõe isomorfismo entre palavra morfológica (MWd) e palavra prosódica (PrWd), o que caracteriza as derivações prototípicas em português conforme Gonçalves & Andrade (2016, 266). Verificamos, na aplicação do critério, que *-nejo* constitui palavra prosódica autônoma e que as bases à esquerda não perdem suas propriedades fonológicas. Afirmamos, então, que não há isomorfismo, neste caso, entre palavra morfológica e prosódica. Vejamos os exemplos a seguir em que colchetes representam palavras prosódicas (PrWds) e as chaves, palavras morfológicas (MrWds):

- (04) {[brɛga][nejo]}                      {[femi][nejo]}  
          {[xɔte][nejo]}                      {[porno][nejo]}

O critério N refere-se à densidade semântica do formativo. Quando as unidades expressam um significado lexical, admite-se que a partícula aproxima-se dos radicais e, quando as unidades atualizam conteúdos semânticos mais gerais, tal característica a aproxima dos afixos. *-nejo* expressa significado que se restringe “a gênero musical sertanejo”, aproximando-se, desse modo, aos radicais.

### As formações X-*nejo* do português do Brasil: uma análise construcional

Em relação ao significado de *-nejo*, sua interpretação é endocêntrica (critério p), ou seja, cada uma das partes que compõem a formação em questão apresenta conteúdo que corrobora para a compreensão do significado total da palavra, o que diferencia as formações X-*nejo* de composições vocabulares como ‘viúva-negra’ (uma aranha), ‘pé-de-cabra’ (uma ferramenta) ou ‘mão-de-vaca’ (avarento), cuja interpretação é holística, sem acesso às partes.

- (05) blognejo > blog + sertanejo (‘blog cuja temática é o gênero sertanejo’)  
 terçaneja > terça + neja (‘dia da semana em que ocorre apresentação sertaneja’)  
 gatonejo > gato + nejo (‘rapaz bonito que frequenta festas de música sertaneja’)  
 funknejo > funk + nejo (‘ritmo que mistura funk e sertanejo’)

Constatamos, assim, que as construções X-*nejo* não têm interpretação holística, pois é necessário que se acesse as partes para compreender o significado das formações. Os critérios (o) e (p), portanto, indicam que *-nejo* aproxima-se dos afixos.

Na propriedade chamada pelos autores de estabilidade funcional (q), “afixos possuem função sintática e semântica pré-determinada” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012, 2016). Levando em consideração que, pela investigação feita, *-nejo* apresenta estabilidade funcional, pois forma, substantivos (‘lambanejo’, ‘sambanejo’) e um número muito pequeno de adjetivos (‘pornonejo’, ‘breganejo’), aproxima-se dos afixos por esse critério, pois seleciona suas bases tanto formal quanto semanticamente.

Quanto ao critério (r) e (s), *-nejo* se aproxima da derivação à medida que pode formar, com grande número de tipos morfológicos, novas outras palavras. As novas formas de modo algum são manufaturadas, uma vez que são criações espontâneas: como vimos, a grande fonte é a internet, em que usuários variados, sobretudo nas redes sociais, expressam-se livremente, não necessariamente refletindo generalizadamente sobre as palavras que criam.

Após a aplicação dos critérios de Gonçalves e Andrade (2012, 2016), verificamos que o formativo *-nejo*, como demonstra o *continuum* a seguir, aproxima-se mais da composição do que da derivação à medida que apresenta uma quantidade maior de características que o assemelham aos radicais (10 X 6).



### CONCLUSÃO

Ao aplicarmos os critérios empíricos propostos por Gonçalves & Andrade (2012, 2016), verificamos que o *splinter -nejo* localiza-se mais à direita no *continuum* por apresentar mais características que o aproximam dos radicais. Tal evidência reforça a importância do estudo dos elementos morfológicos a partir de um *continuum* para que se possa solucionar casos de elementos que, devido às suas características particulares, não se enquadram de forma clara no processo de derivação ou de composição.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Valerie. An introduction to modern English word formation. London: Longman, 1973.
- ALMEIDA, M. L. L., Ferreira, R. G., Pinheiro, D., Souza, J. D. L., & Gonçalves, C. A. (2010). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit.
- ALVES & GONÇALVES. O processo de formação de palavras com os splinters -nese, -nejo e -tone. *Entretextos*. v.14 (1) Londrina: 27-42.
- ANDERSON, Steven. *A-morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992
- ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
- BARROSO, G. “A origem da palavra ‘Sertão’”. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, V(52): 401-403, junho, 1947.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAUER, Laurier. The Bordeline between Derivation and Compounding. In: W.Dressler et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 97-108.
- BAUER, Laurier. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown University Press. 2004.
- BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation.Evidence for Construction Morphology.In: W. Dressler et al. et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp.109-131.
- BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010
- CANNON, Garland. Blend in English word formation. *Linguistics*, 24, 1986, p. 725-753.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis:Vozes, 1970.
- CÂMARA Jr., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979 [1976].
- CEGALA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2008.
- CHUNG, Karen Steffen. *Putting blend in their place*. National Taiwan University: Taipei, Taiwan, 2009.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Lexikon editora, 2013.
- DANKS, Debbie. *Separating blends: A formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated Word formation processes*. 427f. Thesis (doctor in Philosophy) - University of Liverpool, Liverpool, 2003
- FAUCONNIER, G. *Mappings In Thought And Language*. Cambridge University Press, 1997.

### As formações X-nejo do português do Brasil: uma análise construcional

- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo; Contexto, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2014.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C.A.V. *Mudança no estatuto morfológico de formativos: evidência de um continuum composição-derivação*. Salvador: UFBA, 2012.
- GONÇALVES, C.A.V. Paitrocínio, tecno-macumba maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*, 14 (1), 2012.
- GONÇALVES, C.A.V. Atuais tendências em formação de palavras no português do Brasil. *Signum - Revista de Linguística*. Londrina, UEL, 15 (1): 169-199, 2012.
- GONÇALVES, C.A.V. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C.A.V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, 5 (2):63-94, 2011a.
- GONÇALVES; ALMEIDA. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa (ILCE/UNESP)*, v.58, n.1, 2014, pp165-193.
- GONÇALVES, C.A.V. & ANDRADE, K. E. El status de lós componentes morfológicos y El continuum composición derivación em português. *Linguística (Madrid)*, 28 (2), 2012.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *DELTA*, São Paulo, 32 (2), 261-294, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V.; CARVALHO, W.; ANDRADE, K. Splinters são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 132-156, 2016
- GONÇALVES, C. A. V. & JESUS, D. A. de. "A história das palavras: sertanejo e outros - (n)ejos. In: SILVA, J. O. & NASCIMENTO, L. M. *Textos da memória: a memória dos textos*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 215-228, 2015.
- GONÇALVES, C.A.V. & PIRES, J.A.O. Uma abordagem construcional para as formações x-dromo do português brasileiro. *Linguística (Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro)*, v. 12, n. 1, jan-jun. 2016, p.110-130.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2015.
- JACKENDOFF, Ray; GOLDBERG, Adele. *The English Resultative as a family of constructions*. *Language*, v. 80, p. 523-567, 2004.
- KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchier, R.W. et al. (eds). *Selected proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p 1-13.
- LEHRER, Adrienne. Prefix in English word formation. *Folia Linguistica*, xxix /1-2, [S.l.], 1998, p. 133-148.
- MICHAELIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

- MICHAELIS, L.A.; LAMBRECHT, K. Toward a Construction-Based Model of Language Function: The Case of Nominal Extraposition. *Language*, v.72, n2, 1996, pp.215-47.
- NASCENTES, Antenor de Veras. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.
- PIRES, J.A.O. *O estatuto morfológico do formativo –dromo no português brasileiro*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In Scalise, S. & Vogel, I. (eds) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- ROCHA, L.C.A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Ícone, 1989 [1988].
- SILVA, M. M. F. “A Propósito da Palavra ‘Sertão’”. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, VIII(90): 637-644, setembro, 1950
- ROCHA LIMA, Carlos H. da. [1972] *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994
- TAVARES DA SILVA, J. C. *O estatuto morfológico do formativo eletro- em português*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Orientador: Carlos Alexandre Gonçalves.
- TOMASZEWICZ, E. *Novel words with final combining forms in English: a case for blends in word formation*. *Poznań Studies in Contemporary Linguistics*, 44(3), p. 363-378, 2008.
- VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. *Sociedade e cultura. Goiás*, vol.1, n1, jun.1998. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/issue/view/348>>. Acesso em: 10-03-2017.

## X-NEJO CONSTRUCTIONS IN PORTUGUESE OF BRAZIL: A CONSTRUCTIONAL ANALYSIS

**Abstract:** This paper aims to verify the place of *splinter*-nejo in the *continuum* derivation-composition. To this end, the theoretical basis provided by Booij's Constructional Morphology (2005,2007,2010), which is part of Cognitive Linguistics (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987) were used. In addition, the empirical criteria pointed out by Gonçalves & Andrade (2012,2016) were applied to differentiate affixes from radicals.

**Key-words:** *Constructional Morphology, splinter, sertanejo, continuum*.